

Guia para a Aprendizagem Estética e Corporizada  
para a Democracia

NO CAMPO DA APRENDIZAGEM DE ADULTOS,  
PROFISSIONAL E ORGANIZACIONAL

### **Autores principais**

Lea Spahn

Susanne Maria Weber

Karen Mpamhanga

### **Autores que contribuíram**

Pauliina Jääskeläinen

Cláudia Neves

Karine Oganisjana

### **Editores**

Kardelen Dilara Cazgir

Pilvikki Lantela

Philippa Mulbery

### **Investigadores**

Marta Abelha

Pedro Abrantes

Ana Patrícia Almeida

Joanne Barber

Kardelen Dilara Cazgir

Suzanne Culshaw

Claire Dickerson

Pauliina Jääskeläinen

Susan Meriläinen

Karen Mpamhanga

Dirk Netter

Claudia Neves

Karine Oganisjana

Juliana Oliveira

Rolands Ozols

Veronika Clara Pinzger

Lea Spahn

Marie Toseland

Joonas Vola

Sandra Wallenius-Korkalo

Susanne Maria Weber

Helena Wolter

Philip A. Woods

## **Financiamento**

Este projeto recebeu financiamento do programa de investigação e inovação Horizon Europe da União Europeia, ao abrigo do Acordo de Subvenção n.º 101094052, e do UK Research and Innovation (UKRI) – Número de Referência: 10063654.

## **Declaração de responsabilidade**

Financiado pela União Europeia. As opiniões e pontos de vista expressos são, no entanto, exclusivamente dos autores e não refletem necessariamente os da União Europeia ou das entidades financiadoras. Nem a União Europeia nem as entidades financiadoras podem ser responsabilizadas por essas opiniões.

## **Título e licença**

Guia para a Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia no campo da Aprendizagem de Adultos, Profissional e Organizacional

© 2026 Consórcio AECED: (University of Lapland — Finlândia, University of Hertfordshire — Reino Unido, Marburg University — Alemanha, Universidade Aberta — Portugal, Riga Technical University — Letónia, University of Zagreb — Croácia).

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Para consultar uma cópia desta licença, visite: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Acessibilidade e utilização com ferramentas de leitura em voz alta**

Este documento foi concebido para apoiar a utilização com ferramentas de leitura em voz alta e tecnologias de apoio. O texto está organizado numa estrutura clara e numerada e apresentado numa ordem lógica de leitura para facilitar a leitura em áudio. As imagens e os diagramas incluem texto alternativo sempre que transmitem informação relevante. Para facilitar a navegação, está também disponível, mediante pedido, uma versão acessível em Word.

Todos os diagramas e tabelas deste documento são acompanhados por um breve texto explicativo, de modo a garantir a acessibilidade para leitores que utilizam leitores de ecrã ou ferramentas de leitura em voz alta.

## **Este documento pode ser citado da seguinte forma:**

**AECED Consortium (2026).** Guia para a Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia no campo da Aprendizagem de Adultos, Profissional e Organizacional. DOI: 10.5281/zenodo.19236231



# Agradecimentos

Este Guia foi desenvolvido no âmbito do Projeto AECED — “Transformar a Educação para a Democracia através da Aprendizagem Estética e Corporizada para a Democracia, de Pedagogias Responsivas e da Democracia em Construção”.

Agradecemos:

Todos os participantes e comunidades de aprendizagem que se envolveram nas atividades do AECED ao longo das diferentes fases educativas, incluindo aprendentes, educadores, facilitadores, profissionais das escolas e das instituições, bem como famílias e parceiros da comunidade.

As equipas nacionais da Croácia, Finlândia, Alemanha, Letónia, Portugal e Reino Unido, que produziram evidência a partir da prática no terreno e que contribuiu diretamente para os percursos e práticas apresentados neste Guia. Os membros do Consórcio AECED pelas suas contribuições para o Quadro Pedagógico, para a síntese transnacional (casos nacionais e análise comparativa) e para outros recursos do projeto.

Os revisores que contribuíram com orientações para melhorar a clareza, a coerência conceptual e a utilidade prática deste Guia.

# Índice

## 1. Introdução

### 2. Como pode a AECD apoiar a aprendizagem de adultos, profissionais e organizações?

- Por que utilizar métodos pedagógicos estéticos e corporizados em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional?

### 3. Organizações como espaços de facilitação e de aprendizagem coletiva

- Intervir nas “gramáticas” institucionais?
- Transformar as relações entre o eu e o mundo
- Permanecer com a complexidade: rumo a “uma nova gramática do viver” (e do organizar).
- Organizações como espaços de transformação?

### 4. Valores e princípios democráticos na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

- Valores democráticos em educação
- Princípios democráticos na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional
- Valores e princípios na prática

### 5. Como utilizar este Guia: dar continuidade à AECD na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

## 6. Recursos

## 7. Lista de acrónimos



# 1. Introdução

Em resposta aos desafios para a democracia que as sociedades europeias enfrentam hoje, este Guia incentiva e apoia a aprendizagem estética e corporizada para a democracia (AECED) em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional (APOL). Destina-se a educadores, facilitadores, supervisores, formadores, designers de aprendizagem profissional, líderes e outros profissionais que trabalham com adultos em contextos de aprendizagem formais, não formais e informais.

Com este guia, pretendemos apoiar facilitadores, agentes de mudança e consultores que procuram promover hábitos, valores e sensibilidades democráticas nas instituições educativas ou que trabalham em contextos organizacionais e em rede para apoiar processos de mudança e transformação democrática. Nestes diferentes contextos, abordagens participativas e baseadas no corpo podem fazer uma diferença significativa na aprendizagem individual, coletiva e de grupo, bem como na aprendizagem em rede e organizacional.

O projeto AECED foi criado para responder às tensões democráticas, abrindo espaço a formas de aprendizagem intensas, participativas, lúdicas e criativas — tanto para nós próprios como para as pessoas, grupos e organizações com quem trabalhamos. A democracia é aqui entendida não apenas como um sistema político, mas como uma transformação contínua das culturas de aprender e de trabalhar em conjunto nas práticas do dia a dia — refletida também nas nossas culturas e práticas educativas.

Neste sentido, o nosso Guia baseia-se na ideia de que a democracia não se aprende apenas, ou sobretudo, através de debates, políticas ou procedimentos, mas que é vivida e sentida nas relações educativas e profissionais do quotidiano. Através da nossa abordagem de aprendizagem estética e corporizada para a democracia, convidamos os adultos a explorar a democracia de forma diferente: cultivando a sensibilidade democrática através do movimento, da consciência corporal e da expressão criativa; partilhando, refletindo e aprendendo a partir das emoções; e mobilizando os sentidos estéticos e corporais na construção conjunta de significados.

## **Sugerindo um modo de leitura flexível e lúdico...**

Pode utilizar este Guia de várias formas, dependendo do seu contexto e dos seus objetivos:

- como uma ferramenta de referência para si, enquanto educador, facilitador, agente de mudança ou consultor — para explorar a aprendizagem para a democracia
- como um apoio reflexivo para quem concebe, organiza e facilita processos de aprendizagem de adultos, desenvolvimento profissional e mudança organizacional
- como base para o diálogo nas suas próprias comunidades de aprendizagem profissional, redes e organizações, ou naquelas que facilita


É convidado e encorajado a relacionar-se com este Guia de forma seletiva, regressando a diferentes secções ao longo do tempo e em resposta à sua experiência vivida. Oferecemo-lo como uma ferramenta de reflexão, que esperamos que aprofunde a sua compreensão, reflexividade e envolvimento com os métodos de AECD, tanto através da prática como das suas interações responsivas em diversos grupos de aprendizagem.

### **Pausa para reflexão**

Depois de observar o índice, por onde pensa começar o seu percurso na AECD?

Que secções lhe parecem mais relevantes neste momento, tendo em conta o seu contexto?





Como referido anteriormente, este Guia está alinhado com “Connecting with democracy: A pedagogical framework for education for democracy”, que entende a democracia como um processo vivo e inacabado — uma forma de democracia em construção contínua através da responsividade pedagógica, da consciência relacional e de práticas exploratórias e reflexivas.

Em conjunto com o guia de apoio à prática, estes três recursos complementares procuram apoiar o seu trabalho, individual ou coletivo, e promover mudanças nas práticas em contextos educativos e noutras organizações através da AECED. Entendemos este guia como parte de uma ecologia mais ampla de recursos para aprender, praticar e sustentar a educação para a democracia.

No Guia e no guia de apoio à prática, disponibilizamos recursos práticos, exemplos, métodos e atividades ilustrativas. Estes materiais são convites criativos que podem ser adaptados, combinados ou deixados de lado, de acordo com o seu contexto, experiência e julgamento. Muitos dos exemplos, métodos e atividades apresentados resultam diretamente da investigação realizada no projeto AECED, no qual testámos abordagens, métodos e atividades em diferentes contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional (APOL) e em vários países parceiros. Estes refletem oito dos 19 casos desenvolvidos nos ensaios de Investigação-Ação Participativa (PAR) do projeto AECED.

[1] Pode ler mais sobre os casos individuais no Deliverable 4.4: Relatórios de análise de dados, e sobre a análise transversal entre casos no Deliverable 4.5: Conclusões transnacionais, disponíveis neste website: [www.aeced.org](http://www.aeced.org)

## **Porque é que este Guia e a AECD são importantes**

No centro deste Guia estão reflexões conceptuais sobre como a sensibilidade democrática pode ser cultivada em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional (APOL). Como muitos de nós tivemos poucas oportunidades de trabalhar com os sentidos ou de integrar explicitamente o corpo nas nossas intervenções pedagógicas e organizacionais, este trabalho exige a construção cuidadosa de confiança, abertura e espaços seguros — para nós próprios e para os outros.

Pretendemos apoiar a sua capacidade de perceber, cuidar, escutar e agir com os outros de formas mais democráticas. A investigação realizada no projeto AECED mostra que, na aprendizagem em contextos APOL, esta sensibilidade se desenvolve gradualmente, através de práticas relacionais, corporizadas e reflexivas que respondem ao contexto, ao poder, à diferença e à vulnerabilidade.

O nosso Guia não parte do pressuposto de que a aprendizagem conduzirá diretamente a mudanças organizacionais ou institucionais. Embora mudanças nas práticas, nas relações ou nas culturas organizacionais possam surgir ao longo do tempo, estas são entendidas como resultados possíveis e contingentes, e não como objetivos previamente definidos.

### **Pontos-chave:**

Neste Guia, a APOL é entendida como:

- uma prática ética e relacional, e não apenas como formação de competências
- experiencial e corporizada, e não apenas cognitiva
- situada e contextual, e não transferível como um modelo fixo
- aberta e em desenvolvimento, e não orientada exclusivamente para resultados

## 2. Como pode a AECD apoiar a aprendizagem de adultos, profissionais e organizações?

### **A confiança como base para a aprendizagem**


Ao refletir sobre o desenvolvimento coletivo de uma sequência de movimentos, um participante comentou:

“E depois percebi que grande parte do processo, para mim, teve a ver com encontrar confiança. Também reparei como o grupo se abriu e como não fizemos apenas alguns exercícios de dança, mas também conversámos muito e partilhámos histórias pessoais. E pensei que isso, de certa forma, teve um impacto em mim. Percebi que este era um grupo com muita confiança e que era realmente um espaço onde se pode explorar a si próprio.”

Caso AECED 10: Alemanha – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

A APOL ocorre em contextos diversos, marcados pela experiência, pelo conhecimento especializado, pela responsabilidade e pelo poder. Estes contextos podem incluir diferentes ambientes de trabalho, como instituições educativas, comunidades de aprendizagem profissional específicas ou redes profissionais, tanto em contextos presenciais como online, e podem oferecer oportunidades de aprendizagem formais e informais.

Estes participantes estão muitas vezes presentes por escolha própria e com objetivos pessoais e profissionais; entram nos contextos educativos com experiência prática moldada pelos seus contextos, áreas profissionais, funções e pelos hábitos profissionais e organizacionais. Quando pertencem a organizações, a sua participação pode ser voluntária — ou não.

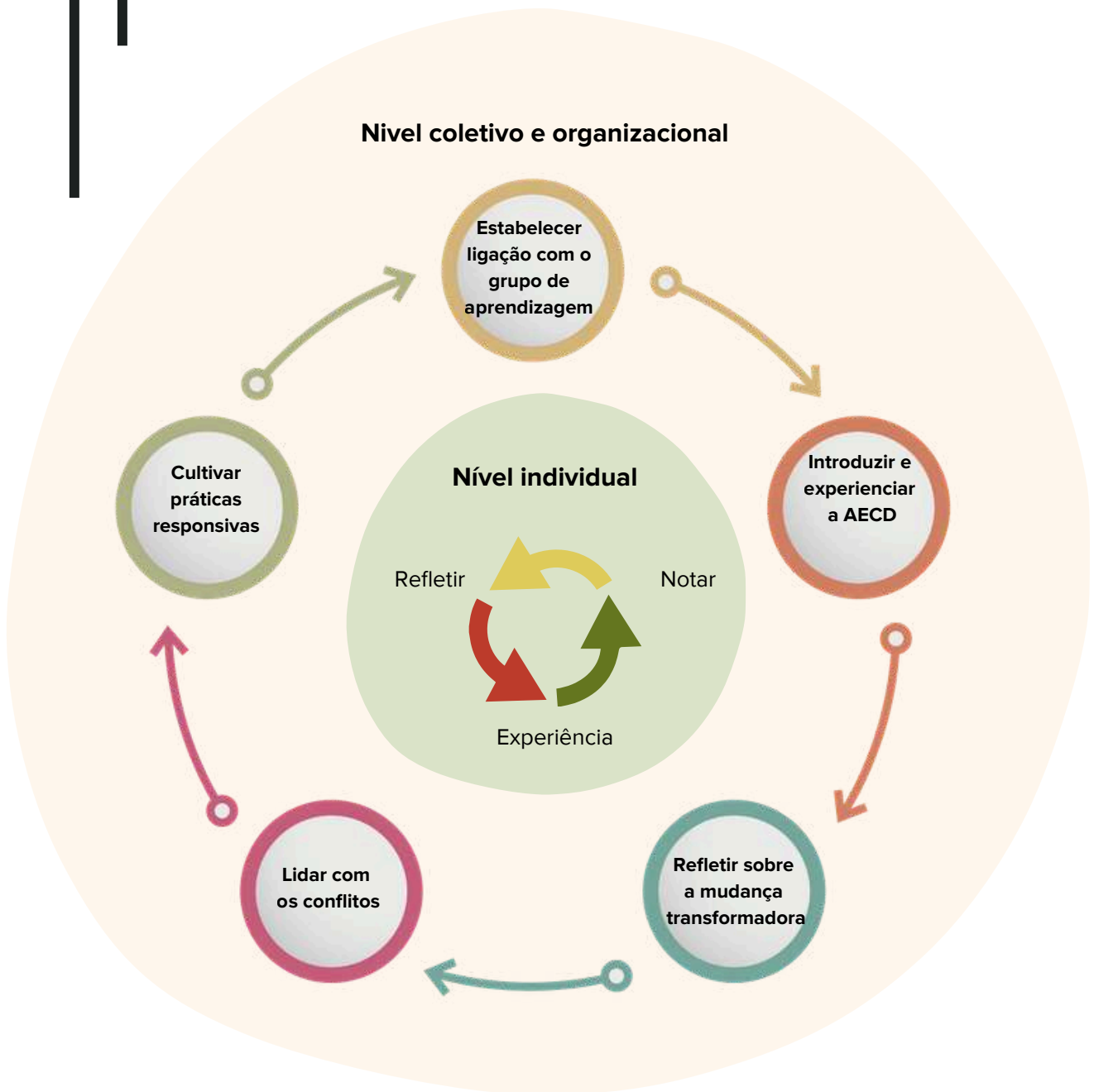


Em contextos de APOL, a aprendizagem democrática é geralmente não linear e gradual. Os participantes descrevem frequentemente momentos de incerteza, desconforto ou resistência, juntamente com curiosidade, ligação e descoberta. Estas experiências são entendidas como parte da democracia em construção, e não como falhas de aprendizagem. Por essa razão, a facilitação na AECD exige atenção ao ritmo, ao consentimento, aos limites e ao cuidado — aspetos que podem ser tornados explícitos para os participantes em contextos de APOL.

A APOL é frequentemente orientada para aprofundar identidades profissionais e desenvolver competências aplicáveis; em contraste, o projeto AECD preocupa-se menos com o “o quê” da aprendizagem e mais com o “como”. Os contextos de aprendizagem tornam-se espaços onde a aprendizagem para a democracia pode ser promovida quando se presta atenção à natureza corporizada da aprendizagem e à utilização de uma variedade de métodos estéticos e corporizados.

Ao envolvermo-nos com a AECD enquanto profissionais e no contexto das realidades institucionais, deslocamos a nossa atenção para observar, experienciar e refletir sobre como a democracia já é vivida — ou limitada — nas relações profissionais e organizacionais do quotidiano (ver “Connecting with democracy: A pedagogical framework for education for democracy”, pp. 11–26).


Como mostra a figura seguinte, estas qualidades relacionam-se com os indivíduos e com a sua participação nas situações enquanto atores corporizados. Quando ampliadas para os ambientes de aprendizagem, traduzem-se numa compreensão da AECD baseada em processos. Não existe um início ou um fim neste ciclo; pode escolher um ponto de entrada que se adeque à sua prática educativa.



**Figura 1: Os ciclos de aprendizagem ao nível individual, coletivo e organizacional.**

**Pontos chave:**

A AECD mobiliza dimensões frequentemente ignoradas da vida democrática, ao envolver as emoções, imaginação, sensações e experiências dos participantes.



## **Por que utilizar métodos pedagógicos estéticos e corporizados em contextos de APOL?**

Como apresentado em “Connecting with Democracy: A Pedagogical Framework for Education for Democracy”, os métodos pedagógicos estéticos e corporizados podem possibilitar, ativar e concretizar as características da AECD. Permitem-nos abrir espaço às dimensões afetivas e criativas de nós próprios, dos outros e dos ambientes onde vivemos, trabalhamos e aprendemos, ajudando também a valorizar a dimensão estética e a reconhecer o papel essencial do corpo no pensar, sentir, experienciar e existir.

Existe uma grande diversidade de métodos pedagógicos estéticos e corporizados que podem ser utilizados ou combinados em contextos de APOL. Alguns exemplos de métodos usados nos oito ensaios de APOL incluem: criação de colagens; elicitación através de fotografias e objetos; movimento corporal; pequenas cenas dramáticas; linguagem de padrões do comum (Pattern Language of "commoning" – PLC); atividades narrativas (por exemplo, narração de histórias ou poesia); modelação; trabalhos manuais e desenho.

O exemplo seguinte apresenta uma ilustração dos métodos pedagógicos estéticos e corporizados utilizados no Caso 18 do Reino Unido, centrado na aprendizagem profissional de orientadores de doutoramento.

### **Envolver uma pluralidade de AECED no desenvolvimento de orientadores de doutoramento**

Nas sessões facilitadas deste caso, procurámos recorrer a uma variedade de métodos pedagógicos estéticos e corporizados para apoiar a reflexão e a aprendizagem para a democracia. Alguns métodos centraram-se em conceitos fundamentais do projeto AECED, enquanto outros abordaram explicitamente práticas democráticas de orientação.

Entre os métodos iniciais incluiu-se um exercício de visualização proveniente dos recursos do AECED, pensado para proporcionar um início suave e dar uma ideia do que se seguiria. Uma atividade de resposta gestual trouxe algo diferente: os participantes foram convidados a expressar, através de movimento, gesto ou resposta corporal, como se relacionavam com os objetivos mais amplos do projeto AECED e que reações ou sentimentos esses objetivos lhes despertavam. Para a maioria, esta foi uma experiência nova. Alguns aderiram com entusiasmo, outros sentiram algum constrangimento; ainda assim, a atividade promoveu discussão e autorreflexão.

Uma atividade baseada na escolha de uma imagem encontrada ou na realização de um desenho, em resposta a um vídeo-estímulo sobre democracia em construção, convidou a uma experiência estética em que o próprio processo de desenhar ou criar abriu um espaço para reflexão e para o surgimento subjetivo de compreensão.

No centro das sessões facilitadas do Caso 18 esteve o planeamento colaborativo, por parte dos participantes, seguido da experimentação de um método estético e/ou corporizado. Através de reflexão e discussão conjuntas, os grupos identificaram temas a explorar no âmbito da orientação de doutoramento — poder, voz, cuidado e identidade — e escolheram métodos criativos para trabalhar essas questões, incluindo autorretrato em colagem, utilização de objetos encontrados, tricô, construção de modelos, poesia e criação de bandas desenhadas.

A flexibilidade foi essencial para promover o envolvimento; permitiu oferecer escolhas, incluindo a possibilidade de não participar ou de participar de forma diferente.

Uma atividade de colagem proporcionou uma oportunidade final para discussão e reflexão coletiva. Os orientadores falaram sobre o que aprenderam acerca da orientação, mas também sobre outros temas, como o significado da democracia e o desafio de a pôr em prática no ensino superior contemporâneo.

Ao longo de todas as sessões, os orientadores sentiram que podiam refletir sobre a sua própria experiência de democracia dentro das próprias sessões; por exemplo, sobre o valor dos métodos estéticos e corporizados para estimular o diálogo, sobre a importância de ouvir ativamente os outros quando partilhavam as suas produções criativas, e sobre a abertura a diferentes pontos de vista e perspetivas. De forma geral, os orientadores valorizaram o tempo dedicado à reflexão coletiva e a oportunidade de explorar diferentes métodos pedagógicos estéticos e corporizados num ambiente de apoio.

[2] Pode ler mais sobre este caso, Caso 18, no Deliverable WP4.4 – Country Case Report do projeto. A investigação deste caso foi aprovada pelo Comité de Ética das Ciências Sociais, Artes e Humanidades da University of Hertfordshire, com autoridade delegada, sob os números de protocolo: SLE/SF/UH/06090; aSLE/SF/UH/06090(1); 02642024 Oct SSAH.

Pode ser um profissional que já utilizou métodos criativos semelhantes na sua prática. Ou, pelo contrário, estas abordagens podem ser novas para si. Aqui, convidamo-lo a refletir sobre como os métodos pedagógicos estéticos e corporizados podem ser utilizados de forma intencional, em articulação com outras práticas educativas, para promover a AECD.

### **Pausa para reflexão**

Que métodos estéticos e corporizados já experienciou — como aprendiz, como professor, como supervisor, como investigador e/ou fora do seu papel profissional?

Como foram utilizados?

Como o fizeram sentir?

O que aprendeu?



Embora esta secção se tenha centrado nos métodos pedagógicos estéticos e corporizados, na AECD estes métodos existem para apoiar a aprendizagem para a democracia.

A secção seguinte irá explorar os valores e princípios democráticos que sustentam a AECD e como podem ser experienciados em contextos de APOL.

### 3. Organizações como espaços de facilitação e aprendizagem coletiva

A APOL ocorre numa grande diversidade de contextos institucionais: escolas, universidades, administrações locais, organizações do terceiro setor, instituições de ensino e formação profissional, bem como fundações artísticas e sociais — cada uma oferecendo diferentes condições de trabalho.

Algumas das condições que encontramos durante a realização dos nossos estudos de caso revelaram-se bastante limitadoras para a AECD, como mostra o exemplo seguinte:

#### **Experienciar locais de trabalho hierárquicos**

Durante uma sessão com estudantes de mestrado provenientes de diferentes contextos profissionais, utilizámos o corredor para explorar as nossas experiências de momentos não democráticos no trabalho. Os estudantes apreciaram muito sair da sala de aula e ocupar o corredor. Em pequenos grupos, partilharam experiências de ambientes de trabalho pouco democráticos.

Na verdade, referiram frequentemente a presença de hierarquias e o facto de se sentirem menos considerados por serem mais jovens ou parecerem ter menos experiência. A sensação de não estarem em pé de igualdade e de não serem levados a sério parecia ser bastante comum no grupo.


Para partilhar as suas experiências de democracia e das suas limitações nos locais de trabalho, utilizámos a Pattern Language of "commoning" (PLC) [3], com os cartões de padrões colocados no chão. Os estudantes circularam pelo espaço e procuraram o padrão de solução que lhes parecia mais significativo em relação aos problemas que enfrentavam nos seus contextos de trabalho. Descobriram diferentes padrões de práticas de solução e posicionaram-se junto daquele que consideravam mais relevante para a sua situação desafiante específica.

Desta forma, muitos encontraram outras pessoas que tinham escolhido o mesmo padrão de solução. Partilharam experiências, refletiram sobre o padrão e relacionaram-se uns com os outros enquanto permaneciam no corredor. Ligaram o tema às suas próprias vidas através de uma abordagem que envolvia todo o espaço, todo o corpo, todo o problema e toda a solução, utilizando a PLC [4].

Caso AECED 7: Alemanha – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

[3] A Pattern Language of "commoning" (PLC) será explicada no guia de apoio à prática.

[4] O método de utilização da Pattern Language of "commoning" para ampliar o espaço da democracia nos contextos de trabalho será explicado de forma aprofundada no guia de apoio à prática. A PLC foi utilizada no projeto AECED, em articulação com a AECD.



Obviamente, dependendo do seu contexto de trabalho, podem surgir constrangimentos relacionados com relações de poder na sociedade, políticas institucionais, avaliação, carga de trabalho ou cultura organizacional. A AECD, por si só, não elimina estes constrangimentos. Em vez disso, a partir de uma perspectiva de trabalho condicionado, é possível responder de forma consciente dentro e em torno desses limites através da AECD.

A nossa prática de AECD é fortemente condicionada pelo ambiente e pela experiência em que se desenvolve. Os ritmos institucionais e as estruturas orientadas pelo currículo limitam frequentemente a AECD:

Na fase de experimentação dos nossos casos, houve muitos momentos em que observámos uma tensão entre o objetivo de estabelecer ligação com as experiências profissionais dos participantes e as possíveis atividades de AECD para trabalhar essas experiências, e as condições institucionais fortemente calendarizadas e estruturadas que enquadravam os nossos encontros.

Caso AECED 7: Alemanha – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Como podemos, enquanto facilitadores, lidar com estas condições na nossa prática profissional? Podemos...

- desenvolver uma compreensão clara dos contextos e dos seus constrangimentos
- explorar o que pode ser possível dentro de um determinado contexto
- cultivar expectativas esperançosas, mas realistas, quanto ao alcance e à escala das mudanças
- reconhecer a facilitação, bem como a reflexão e o (auto)cuidado, como trabalho legítimo
- manter a esperança, mesmo quando as condições são limitadoras ou frustrantes

Mesmo pequenas mudanças na forma como a aprendizagem é concebida ou facilitada podem apoiar a democracia em construção.

#### **“Encontrar-se a meio caminho”: democratizar a participação**

Noutro caso alemão, procurámos cocriar métodos de AECD com base na Pattern Language of "commoning" (PLC). Os estudantes, que estavam habituados a hierarquias — mesmo nos seus locais de trabalho — valorizaram a partilha do poder de decisão, que contrastava com a sua experiência habitual de participação limitada na coconstrução dos seminários.

Neste caso, estudantes de mestrado no ensino superior referiram que a disposição circular das cadeiras na sala de aula lhes pareceu especial e significativa. Um estudante comentou: “Conseguimos facilmente encontrar-nos a meio caminho e depois discutir os temas.”

Caso AECED 7: Alemanha – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

A análise dos padrões relacionais de apropriação do espaço da sala de aula pelos estudantes revelou que a sala foi experienciada como um processo coletivo de democratização. A reorganização da sala apoiou o sentimento dos estudantes de poderem falar com mais liberdade e de se envolverem mais, mostrando que mesmo pequenas mudanças podem transformar a atmosfera.

Na criação de um espaço democrático — e enquanto se está nesse espaço — encorajamos a experimentar, a confiar uns nos outros e a envolver-se coletivamente.

### **Pausa para reflexão**

Os seus espaços de aprendizagem apoiam a aprendizagem para a democracia?

Poderiam ser concebidos de forma diferente?

Se sim, de que maneiras?



## **Intervir nas “gramáticas” institucionais?**

Um participante no caso da Letónia falou sobre as normas da sua profissão e sobre como a mudança pode ser difícil:

“Sejamos honestos. Como a nossa profissão é, por vezes, bastante autoritária, é essencial olhar para as coisas a partir de diferentes perspetivas. A mudança de papéis foi muito útil nesse sentido. As mudanças democráticas acontecem muitas vezes lentamente, pois estamos tão habituados a certos padrões que pode ser difícil sair dos nossos papéis habituais.”

Caso AECED 12: Letónia – Ensino secundário e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Muitos facilitadores — tal como investigadores — observam o desafio da continuidade organizacional e institucional e a persistência de padrões e “gramáticas” disfuncionais; Tyack e Tobin (1994) problematizaram esta questão, considerando que a “gramática da escolarização” é “difícil de mudar”.

O filósofo da educação John Dewey descreveu que “a forma como o mecanismo da instrução incide sobre a criança (...) controla realmente todo o sistema” (ver Tyack & Tobin 1994: 456). Estes contextos institucionais não são apenas um enquadramento formal, mas também um enraizamento cultural do nosso trabalho enquanto educadores. Algumas práticas tornam-se mais normalizadas do que outras. Isto pode tanto apoiar como limitar a utilização da AECD. O “currículo oculto” das práticas institucionais vividas corresponde precisamente a isto: aquilo que uma pessoa aprende imediatamente ao integrar uma organização, instituição ou contexto educativo. Por isso, não devemos esquecer aquilo que pode dificultar, mas também aquilo que pode possibilitar os objetivos que procuramos alcançar. É evidente que a educação para a democracia não diz respeito apenas a métodos e abordagens; envolve também as nossas estruturas de atenção e a nossa consciência enquanto facilitadores e parceiros de aprendizagem. Tendo isto em conta, podemos desenvolver métodos que contribuam para a mudança organizacional nas nossas instituições educativas enquanto mudança cultural, criando e sustentando espaços para a educação para a democracia.

### **Pausa para reflexão**

De que forma a AECD poderia intervir na racionalidade e na normalidade das “gramáticas da escolarização”, das gramáticas do ensino superior ou das gramáticas das organizações hierárquicas? Pense numa situação que gostaria de mudar. O que gostaria de transformar? Imagine um aspeto por onde poderia começar.



## **Transformar as relações entre o eu e o mundo**

Abordar a ligação entre a aprendizagem individual e coletiva, a aprendizagem organizacional e a transformação onto-epistémica exige abordagens metódicas à mudança organizacional e a deslocamentos nas relações entre o eu e o mundo. Os filósofos da educação Collet-Sabé e Ball (Ball & Collet-Sabé, 2022; Collet-Sabé & Ball, 2023, 2024) defendem que isso requer uma epistemologia alternativa da educação, estreitamente ligada à educação para a democracia.

Em vez de tratar o conhecimento, a aprendizagem e a democracia como domínios separados ou apenas cognitivos, estes autores convidam-nos a repensar a forma como são compreendidos, vividos e partilhados nas práticas educativas e organizacionais do quotidiano.

Nesta perspetiva, transformar as relações entre o eu e o mundo torna-se central. Collet-Sabé e Ball (2024) descrevem a necessidade de uma epistemologia que valorize a interdependência, o cuidado e a cooperação, indo além das formas de individualismo, competição e consumo que as escolas, os Estados e os mercados frequentemente promovem (p. 447).

Esta mudança epistemológica na aprendizagem apoia a formação de si através do "commoning". Sugere uma ontologia relacional que forma os sujeitos por meio do cuidado de si, dos outros, das comunidades e do planeta (Collet-Sabé & Ball, 2023).

Os autores defendem a criação de um espaço de aprendizagem cocriativo, dinâmico e responsivo, alinhado com a nossa intenção de construir práticas educativas transformadoras.

No entanto, estabelecer uma epistemologia diferente exige uma análise cuidadosa das práticas e abordagens inventivas que cultivem outras formas de aprender. A AECD é uma forma de começar pelo corpo, levando a sério a ideia de que toda a aprendizagem começa com aprendentes que sentem, percebem e agem enquanto atores corporizados.

## **Permanecer com a complexidade: rumo a “uma nova gramática do viver” (e do organizar)**

Criado pela investigadora feminista e ativista científica Donna Haraway, o conceito de “staying with the trouble” é um convite para nos envolvermos continuamente em formas relacionais de viver com todos os habitantes de um planeta danificado — Haraway convida-nos a tornar-nos parentes uns dos outros através de formas imaginativas e corajosas de nos relacionarmos. Com base nesta ideia, consideramos que a APOL é um espaço onde os participantes não apenas entram em contacto com conteúdos de aprendizagem, mas também ampliam os seus horizontes de perceção e ação, assumindo papéis responsáveis como decisores, desenvolvedores, consultores, pedagogos, assistentes sociais, entre outros. Esta diversidade de envolvimentos profissionais pode ser enriquecida ao enraizar os nossos espaços de aprendizagem na AECD.

Segundo Collet-Sabé e Ball, educação e política são entendidas como processos interligados de coaprendizagem, tomada de decisão, teste de limites e resolução de conflitos em contextos reais, relacionados com problemas concretos que apontam para um futuro incerto e para a possibilidade da nossa extinção (Collet-Sabé & Ball, 2024, p. 447). A educação, onde quer que aconteça, é o lugar onde a democracia é continuamente construída e reconstruída, moldada pela incerteza, pela interdependência e pela crise ecológica.

### **Pontos-chave:**

No projeto AECD, alguns parceiros procuraram concretizar esta “nova gramática do viver”, criando condições pedagógicas em que os participantes se envolvem em coaprendizagem, negociam diferenças e respondem coletivamente a desafios comuns através da AECD.


Por meio destas abordagens, procuramos apoiar uma transformação em direção a formas democráticas de conhecer, assentes no cuidado, na relacionalidade e na participação corporizada.

## **Organizações como espaços de transformação?**

Tendo presente a noção de gramática, algo que se tornou claro na nossa abordagem de Investigação-Ação Participativa (PAR) foi que as instituições e organizações constituem contextos para a AECD. Muitos dos nossos ensaios de caso foram influenciados e limitados por condições como o espaço e o tempo institucionais, as hierarquias, currículos previamente definidos, a centralidade do manual escolar, a organização frontal das salas de aula, entre outros fatores.

Mesmo que os facilitadores não tenham um mandato explícito para a transformação organizacional da mesma forma que conselheiros, consultores organizacionais ou agentes de mudança, o trabalho pedagógico pode ser transformador — não apenas ao nível da aprendizagem individual e coletiva, mas também ao nível da aprendizagem organizacional, que pode apoiar o desenvolvimento de práticas democráticas. Perspetivas micrológicas sobre a mudança social — e organizacional — defendem que a mudança ocorre como uma transformação das práticas sociais. Nesse sentido, e em linha com o pensamento de John Dewey, a AECD pode ser entendida como relacionada com a experiência da democracia em construção: como prática social, organizacional e até política.

A partir desta perspetiva, a AECD liga a experiência da democracia ao envolvimento democrático e à cidadania. O estabelecimento de práticas responsivas e relacionais através da AECD aborda participantes e organizações como parceiros de aprendizagem e convida-os a ir além da sua compreensão imediata de si próprios: desde enfrentar injustiças sociais, navegar conflitos e procurar compreensão mútua, até incentivar ligações local-global na nossa condição planetária partilhada (Weber & Wieners 2023; Weber, Spahn & Heidelmann 2024).



Informados pela nossa abordagem de Investigação-Ação Participativa (PAR) (Kemmis et al., 2014; MacDonald, 2012), entendemos que os desafios na educação para a democracia podem permitir-nos criar soluções e refletir em conjunto sobre as experiências. Aprofundar a democracia enquanto experiência vivida está explicitamente ligado a três níveis do nosso enquadramento metodológico (Spahn & Weber, forthcoming), que procuram acompanhar a mudança transformadora em contextos educativos através da AECD:

- aprendizagem individual e coletiva
- aprendizagem organizacional
- transformação onto-epistemológica

Este Guia centra-se nestes três níveis:

- aprendizagem individual e coletiva como transformação experienciada de forma subjetiva
- aprendizagem organizacional como um processo que envolve diferentes atores, incluindo colegas, consultores, parceiros de cooperação, entre outros, e as suas práticas partilhadas
- transformações onto-epistemológicas como uma investigação crítica sobre a forma como o nosso conhecimento e os nossos hábitos (re)produzem as nossas maneiras de perceber as situações sociais — e vice-versa

Com base na nossa investigação, identificámos a necessidade de aprofundar a análise dos nossos enraizamentos culturais, das normalidades e das normas e valores não questionados que praticamos diariamente — nos três níveis.

No contexto da APOL, iremos destacar um conjunto de valores e princípios que desenvolvemos a partir dos nossos estudos de caso.



## 4. Valores e princípios democráticos na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

### **Valores democráticos em educação**

Na AECD, os valores democráticos fornecem a orientação ética para a aprendizagem. Expressam aquilo que é importante e aquilo que dá direção à prática democrática, sem prescrever como a aprendizagem deve acontecer.

Os três valores democráticos descritos no Framework (ver *Connecting with Democracy: A Pedagogical Framework for Education for Democracy*, pp. 17–19) são também centrais neste Guia. Estes valores podem manifestar-se no contexto da aprendizagem de adultos, profissional e organizacional das seguintes formas:

- Liberdade – entendida não como escolha ilimitada, mas como a possibilidade de se expressar, de optar por não participar, de explorar a incerteza e de agir sem medo de coerção ou julgamento.

Estudantes que participaram no desenvolvimento de uma performance de dança num dos nossos casos destacaram a importância da comunidade que emergiu e a possibilidade de se expressarem. Ao refletir sobre o curso, um participante sublinhou a importância de uma atmosfera de coaprendizagem como base para a disponibilidade em seguir propostas ou impulsos estéticos:

“Por isso, acho que pode criar novamente uma perspectiva completamente diferente. (.) No meu caso, por exemplo, teria adotado uma abordagem racional diferente (...). De um modo geral, acredito que este aspeto físico pode — ou realmente consegue — despertar mais nas pessoas. E (...) penso que também cria mais abertura quando se aborda através do corpo e se permite isso.”

[5] [https://youtu.be/xb\\_061\\_ctrs?si=jOMqtGzaGnOOi0VA](https://youtu.be/xb_061_ctrs?si=jOMqtGzaGnOOi0VA)

Caso AECED 10: Alemanha – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

- Igualdade e equidade – entendidas como o reconhecimento do valor igual entre os participantes, juntamente com a atenção às diferenças, às assimetrias de poder, ao acesso e às condições desiguais em que os adultos participam na aprendizagem.

O investigador-facilitador num caso com docentes do ensino superior observou que era necessário dar muita atenção às normas invisíveis presentes nos grupos e ao que significa estabelecer formas mais democráticas de participação. O investigador-facilitador refletiu:

“Depois de facilitar um dia de workshop, saí a pensar em como o grupo toma silenciosamente uma decisão sobre quanto discurso toleramos e até que ponto se pode divagar do tema. Essa decisão parece ser tomada através de gestos e posturas corporais, gerando respostas afetivas e, para mim, uma sensação de pressão para controlar a situação. Isto leva-me a perguntar: demos realmente espaço a diferentes formas de participação?”

Caso AECED 6: Finlândia – Ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

- Responsividade – entendida como atenção aos outros, ao contexto e ao que emerge no processo de aprendizagem, em vez de uma adesão rígida a planos fixos ou a resultados previamente definidos.

Numa das primeiras sessões online, professores do ensino profissional foram convidados a regressar às imagens que tinham escolhido para representar os seus ambientes de aprendizagem e a observá-las novamente — mais lentamente, com atenção ao que normalmente passa despercebido. À medida que partilhavam as suas observações, começaram a surgir pequenos detalhes: a mão de um estudante apoiada num banco, uma cadeira inclinada, a luz suave que entrava por uma janela alta.

Estes elementos, antes ignorados, abriram espaço para um tipo diferente de conversa. Em vez de analisarem problemas, o grupo passou para um modo de reflexão coletiva, percebendo dinâmicas afetivas e relacionais presentes nos seus contextos quotidianos. Esta suave reorientação da atenção — um olhar empático — permitiu aos professores perceber os seus contextos com maior abertura, revelando padrões de interação e tensões organizacionais que normalmente permanecem invisíveis.

Através desta mudança partilhada de atenção, os métodos estéticos e corporizados tornaram-se ferramentas para cultivar uma consciência mais responsiva e democrática.

Caso AECED 16 & 17: Portugal – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Nos contextos de aprendizagem de adultos e profissional, estes valores são frequentemente experienciados de forma implícita através das práticas do quotidiano: quais vozes são valorizadas, como o conhecimento especializado é reconhecido, como o tempo é distribuído e como o desacordo ou a vulnerabilidade são acolhidos.

A AECED torna estas dimensões de valor experienciáveis ao convidar os participantes a perceber como a liberdade, equidade, igualdade e responsividade são sentidas e vividas nas situações de aprendizagem.

### **Pausa para reflexão**

Como presta atenção a estes valores democráticos na sua prática quotidiana?

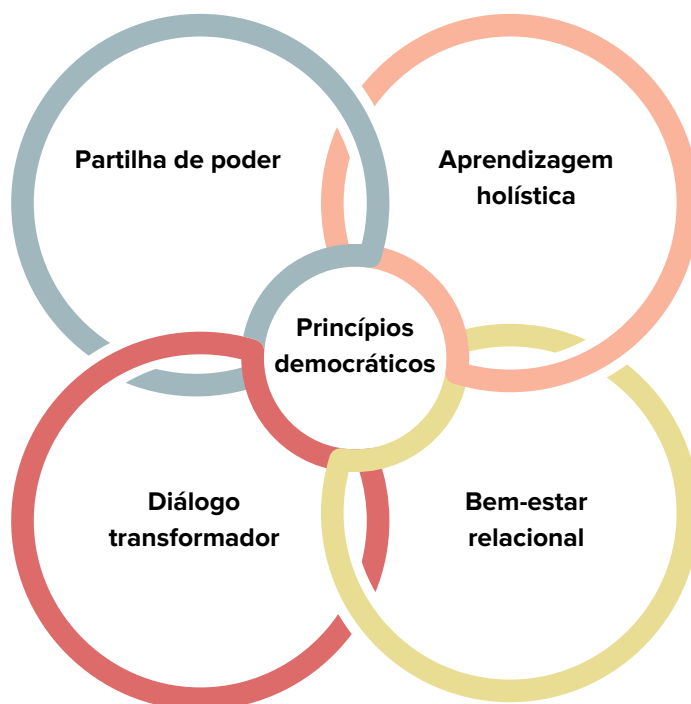
De que forma a AECED pode apoiar a experiência e a vivência destes valores?



## Princípios democráticos na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Enquanto os valores apresentados acima expressam compromissos éticos, os princípios democráticos descrevem como a democracia em construção é praticada nos processos de aprendizagem.

No nosso Quadro de AECD, explicámos de forma aprofundada os quatro princípios que orientaram as nossas decisões pedagógicas em diferentes contextos. Estes são apresentados no diagrama abaixo.



### Partilha de poder

Nos contextos de APOL, o poder nunca está ausente. É moldado pelos papéis, pela experiência profissional, pelas posições institucionais e pelas responsabilidades de facilitação. Especialmente em contextos de AECD, é importante estarmos atentos às dinâmicas sociais informais e às dinâmicas de grupo que estabelecem normas e sinalizam que formas de participação são incentivadas ou desencorajadas.

Enquanto facilitadores, precisamos de ser autorreflexivos e estar muito conscientes do nosso próprio poder de influenciar, dar voz e tomar decisões. Podemos querer convidar os participantes a contribuir para a definição das perguntas, dos processos ou dos ritmos da aprendizagem, mantendo ao mesmo tempo limites éticos e de facilitação claros.

A partilha de poder pode envolver:

- propor atividades em que a responsabilidade é distribuída entre os participantes (incluindo educadores)
- criar oportunidades para tomar iniciativa e liderar, ou co-liderar, processos relacionados com o estudo e com a vida social
- criar uma cultura em que todos (participantes e educadores) se sintam valorizados, valorizem os outros e reconheçam o seu contributo para o processo de coaprendizagem e de trabalho conjunto
- criar uma cultura em que todos tenham voz e deem voz aos outros no contexto educativo, permitindo processos e resultados de decisão socialmente justos
- equilibrar a autonomia com o trabalho em grupo, alternando momentos de autonomia física, emocional e cognitiva para aprendizagem independente e resolução de problemas com projetos ou atividades colaborativas e criativas com outros

### **Transformar o diálogo**

Especialmente na AECD, enquanto facilitadores somos convidados a apoiar o diálogo em vez da simples discussão ou debate. Neste sentido, promovemos a escuta com abertura, a atenção às dimensões afetivas e corporizadas e a possibilidade de as perspetivas se transformarem através do encontro. Nos contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, transformar o diálogo pode fazer emergir tensões, desacordos ou desconforto. Estes momentos são entendidos como oportunidades para aprender sobre a democracia, e não como problemas que precisam de ser resolvidos rapidamente.

Transformar o diálogo pode envolver:

- criar uma cultura que incentive a abertura para repensar as próprias crenças, sentimentos e experiências corporizadas
- criar uma cultura de comunicação aberta e livre, em que temas e pontos de vista possam ser partilhados sem medo de julgamento
- criar uma cultura que incentive a escuta de diferentes perspetivas, a sua discussão e a procura de compreensão mútua e respeito
- criar uma cultura que encoraje a disponibilidade para receber a mensagem e a abertura às perspetivas dos outros

## **Aprendizagem holística**

Envolver a pessoa como um todo significa prestar atenção às identidades profissionais, às emoções, às respostas corporais e às histórias pessoais, que estão sempre presentes nos espaços de aprendizagem. Através de uma abordagem de aprendizagem holística, desenvolvemos uma compreensão mais profunda da história e dos futuros possíveis de indivíduos, coletivos e organizações. Podemos relacionar-nos com os imaginários coletivos e com as suas alternativas. Podemos também mobilizar múltiplas formas de expressão — visual, narrativa, corporizada e espacial — em articulação com a reflexão e a conceptualização, apoiando diferentes formas de construção de sentido.

A aprendizagem holística pode envolver:

- envolver os participantes em práticas de aprendizagem experiencial, nas quais aprendem fazendo, criando e resolvendo problemas, desenvolvendo pensamento crítico através de experiências práticas e de reflexão, permitindo-lhes relacionar o conhecimento adquirido com situações do mundo real
- ativar não apenas as capacidades cognitivas dos participantes, mas também as suas capacidades emocionais, estéticas, espirituais e corporizadas, promovendo uma aprendizagem mais eficaz e abrangente e ajudando-os a desenvolver maior envolvimento com os colegas, mais confiança e um sentido mais forte de responsabilidade pelas suas ações
- utilizar diferentes tipos de conteúdos e métodos de aprendizagem estéticos e corporizados, como criação de colagens, drama, fotografia, desenho, entre outros

## **Bem-estar relacional**

Especialmente no contexto da aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, o bem-estar relacional é frequentemente negligenciado. Quando nos voltamos para os sentidos, abrimos espaço para os sentimentos e para a qualidade das relações. A educação para a democracia torna-se possível quando se criam espaços seguros e quando se convida à vulnerabilidade, mesmo que isso possa parecer arriscado. Desenvolver atenção à confiança, ao cuidado, ao ritmo e ao consentimento é essencial na facilitação. O bem-estar relacional não é um passo preparatório, mas uma responsabilidade contínua da facilitação. É importante manter a consciência de como a aprendizagem se vai desenrolando.

O bem-estar relacional pode incluir:

- criar contextos educativos que reforcem o sentimento de pertença e de aceitação mútua
- organizar iniciativas que fortaleçam a ligação às comunidades locais, à natureza e ao mundo
- desenvolver projetos com o envolvimento ativo dos participantes e de outros atores relevantes para o contexto (como administradores, líderes educativos, comunidade, famílias e decisores políticos), promovendo um sentido de comunidade e bem-estar
- proporcionar espaço e atividades em que os participantes possam pensar de forma autónoma e formular os seus próprios juízos, mesmo quando estes diferem dos dos outros

O exemplo seguinte mostra como a AECD pode desenvolver empatia.

Professores do ensino secundário, organizados em grupos de três, foram convidados a apresentar uma breve cena dramática. Na primeira ronda, utilizaram palavras adequadas à tarefa e ao contexto propostos. Na segunda ronda, trocaram de papéis e acrescentaram emoções ao diálogo entre os três. Na terceira ronda, voltaram a trocar de papéis, incorporando agora também a dimensão corporal na sua atuação.

Ao refletir sobre a atividade, um professor destacou o seu papel no desenvolvimento da empatia — aprender a ver e a sentir a partir de diferentes perspetivas. Nas discussões que se seguiram, os professores refletiram sobre a importância desta experiência e sobre como atividades corporizadas podem reduzir a distância social, promover relações mais democráticas e até desafiar papéis tradicionais.

Caso AECED 12: Letónia – Ensino secundário e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

## Valores e princípios na prática

Nos seus contextos de APOL, os valores e princípios democráticos podem não ser plenamente concretizados. Espera-se antes que sejam negociados momento a momento, dentro dos limites do tempo disponível, da cultura institucional e das expectativas dos participantes. Não esperamos que a AECD resolva automaticamente estas tensões; sustentá-las de forma coletiva e reflexiva permite-nos experienciar a democracia como um processo vivido e relacional.

As cinco secções seguintes desenvolvem a compreensão construída até aqui. Nelas explora-se como a sensibilidade democrática e a pedagogia responsiva apoiam a concretização ética e prática destes valores e princípios em contextos de aprendizagem de adultos e de desenvolvimento profissional.

## **Sensibilidade democrática e concretização da democracia na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional**

A sensibilidade democrática refere-se à capacidade sentida, corporizada e relacional de se envolver com os outros de formas que apoiem a vida democrática. No AECED Framework e no AECED Concept Paper ([clique aqui para ler](#)), descrevemo-la não como uma competência a dominar, mas como uma orientação que se desenvolve ao longo do tempo através da experiência, da reflexão e da interação.

Quando se pretende promover a sensibilidade democrática e concretizar a democracia cultural em contextos de APOL, é necessário ter consciência de:

- como você — e os outros — podem sentir e experienciar o poder, e como esse poder é exercido nas interações do processo de facilitação e de aprendizagem
- como o seu corpo e os corpos dos seus parceiros de aprendizagem respondem a momentos de inclusão, exclusão, reconhecimento, silêncio ou silenciamento
- como as suas próprias emoções — e as dos outros —, como desconforto, hesitação, curiosidade ou resistência, sinalizam tensões democráticas
- de que forma as relações nas parcerias de aprendizagem permitem ou limitam a participação e a expressão de voz

Convidamo-lo a compreender os processos de aprendizagem como marcados pela incerteza e pelo não-saber, pela vulnerabilidade e pela dimensão afetiva. A partir desta base, a AECD pode oferecer múltiplos pontos de entrada para culturas de aprendizagem participativas, diversas e diferenciadas.

### **Corporizar a saída da impotência aprendida... e corporizar a liderança coletiva**

Quando explorámos o potencial da Pattern Language of "commoning" (PLC) para a aprendizagem profissional e organizacional, utilizámos o método do "Nó Górdio" [6]. Os estudantes refletiram sobre este método: todos fechámos os olhos e estendemos as duas mãos para segurar as mãos de duas outras pessoas. Criando um nó humano com as mãos e os corpos, fomos desfazendo o nó em conjunto — movendo-nos, passando por cima ou por baixo uns dos outros — até finalmente nos organizarmos numa linha e voltarmos a formar um círculo.

Depois da experiência, os estudantes refletiram sobre a liderança que assumiram ou sobre a forma como atuaram nesta atividade. Os participantes foram convidados a utilizar a PLC para escolher um cartão que refletisse o seu nível de envolvimento no exercício. Curiosamente, perceberam que não se trata de permanecer passivo, à espera que outros ajam, nem de delegar o poder nos outros — mesmo que seja isso a que estamos habituados e que seja, de longe, a forma menos exigente de agir.

Refletiram também sobre se a responsabilidade deve ser assumida apenas por "líderes oficiais" — neste caso, para organizar o processo de desfazer o nó — que podem ter uma função formal, ou se é possível exercer liderança coletiva numa determinada situação. Este foi um momento de aprendizagem transformadora e de fortalecimento para os estudantes de mestrado.

[6] Conta-se que o rei frígio Górdio atou um nó extremamente complexo que muitos tentaram desfazer sem sucesso, enquanto Alexandre, o Grande, com um único golpe da sua espada, cortou o nó...

Em vez de procurar acordo ou harmonia, a sensibilidade democrática e a concretização da democracia apoiam a capacidade de permanecer com a diferença, de escutar entre posições distintas e de reconhecer o valor igual dos outros mesmo em momentos de desacordo. Isto inclui tornar-se consciente das próprias suposições, privilégios e limites, bem como das condições em que os outros podem participar.

A investigação do projeto AECED e a situação descrita acima mostram que a consciência democrática pode emergir de forma gradual e não linear. Em momentos de confusão e resistência, os nossos participantes, enquanto parceiros de aprendizagem, experienciaram momentos de compreensão juntamente com dúvidas e resistência. Consideramos estas experiências não como obstáculos à aprendizagem, mas como parte integrante da democracia em construção. Por essa razão, a reflexão após a experimentação destes métodos é essencial.

Num caso centrado na AECD em contextos de ensino profissional, os educadores referiram ter desenvolvido uma sensibilidade democrática mais forte, particularmente no reconhecimento das vozes e das experiências dos aprendentes. Ao mesmo tempo, identificaram tensões entre as aspirações democráticas e os enquadramentos institucionais rígidos.

O Guia apoiou os educadores na legitimação de pequenos atos de participação, situados e concretos — como a tomada de decisões partilhada nas atividades de aprendizagem — em vez de depender de modelos idealizados ou abstratos de democracia institucional.

Caso AECED 16 & 17: Portugal – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Quando cultivamos práticas democráticas, não se trata de adotar posições políticas específicas. Em vez disso, enquanto facilitadores, apoiamos o desenvolvimento das nossas próprias capacidades éticas e relacionais, bem como das dos outros. A partir da perspetiva da democracia vivida, transformamos a forma como — e a rapidez com que — julgamos os outros, como colaboramos e como aprendemos em contextos diversos. [7]

Pedagogias responsivas na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional  
Compreendemos a pedagogia responsiva, numa perspetiva de AECD, não principalmente como um conjunto de técnicas, mas como uma postura pedagógica: a forma como você, enquanto educador, observa, responde e faz juízos nas situações de facilitação e aprendizagem à medida que estas se desenrolam (ver *Connecting with Democracy: A Pedagogical Framework for Education for Democracy*, pp. 21–22).

Nos contextos de APOL, a sua responsividade é particularmente importante. Como os contextos de aprendizagem são moldados por experiências, posicionamentos e relações de poder diversas, a responsividade é central. Os seus participantes, enquanto parceiros de aprendizagem, trazem diferentes níveis de confiança e autoridade, histórias culturais e familiares distintas, diferentes contextos organizacionais e variados graus de familiaridade com práticas estéticas e corporizadas. Podem também ter diferentes capacidades para assumir riscos e explorar formas de aprendizagem estética e corporizada.

Através de uma pedagogia responsiva, atende a estas diferenças sem fixar os parceiros de aprendizagem em categorias ou expectativas pré-definidas.

[7] A sensibilidade democrática está intimamente ligada ao olhar empático (ver *Connecting with Democracy: A Pedagogical Framework for Education for Democracy*, pp. 23–24).

A partir da nossa postura de pedagogia responsiva, entendemos a APOL como:

- sintonizar-se com o que está a emergir no grupo, incluindo sinais afetivos e corporizados
- avaliar de forma situada, ajustando o ritmo e a forma das atividades e convidando à participação em função do contexto
- agir de forma ética e responsável, no modo como se cuida das relações, se trabalha com o consentimento e se reconhecem e respeitam os limites
- ser reflexivo e consciente do próprio poder, das suposições e das posições que se ocupam

Em vez de seguir um plano previamente definido, adotar uma postura responsiva favorece a reciprocidade. Na sua facilitação, poderá alternar entre orientar, sustentar o espaço, recuar ou reformular atividades, consoante o que melhor apoie a sua atitude democrática e a forma como pratica a democracia em cada momento.

### **Pausa para reflexão**

Ao refletir sobre os seus hábitos habituais e sobre os padrões que orientam o seu pensamento e as suas ações: sente-se confortável com situações de incerteza?

Tende a responder com facilidade às experiências e às necessidades dos seus participantes e parceiros de aprendizagem?



O exemplo seguinte mostra a importância de responder a contextos diferentes e de não assumir que as sessões podem ser simplesmente repetidas da mesma forma. Mesmo quando se utilizam as mesmas abordagens estéticas e corporizadas, as experiências de aprendizagem raramente são iguais.

Num dos nossos casos, concentrámo-nos em desenvolver a capacidade de docentes do ensino superior para facilitar a democracia em construção. Este processo raramente é simples ou linear; utilizar métodos estéticos e corporizados para expressar opiniões diversas e promover a reflexão não pode ser entendido como uma relação direta de causa e efeito. Isto tornou-se evidente quando um docente realizou duas iterações das experiências de ensino, com o mesmo conteúdo e os mesmos métodos de facilitação corporizados, mas com resultados muito diferentes devido às diferenças entre os grupos.

Caso AECED 6: Finlândia – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Cada grupo de aprendizagem reagirá de forma diferente aos métodos estéticos e corporizados. Por isso, é importante manter a atenção ao processo à medida que se desenrola, escutar as necessidades e as atmosferas do grupo e adaptar a facilitação.

Na nossa abordagem de AECED, a pedagogia responsiva está intimamente ligada à prática de um olhar empático. Com demasiada frequência, apressamo-nos a fazer julgamentos rápidos ou a tomar partido sem escutar plenamente as diferentes perspetivas. A responsividade exige que permaneçamos abertos. As abordagens corporizadas, em particular, implicam assumir riscos e confiar — ser visto pelos outros e, potencialmente, ser julgado. Cultivar um olhar empático é essencial para criar uma atmosfera de confiança.

As diferenças devem ser reconhecidas como uma prática legítima — especialmente quando nos movemos num espaço comum. Ao mesmo tempo, é fundamental manter discernimento. Isto não significa aceitar tudo de forma acrítica, nem permitir desequilíbrios de poder ou a dominância de determinados indivíduos. Pelo contrário, trata-se de reconhecer a dignidade e o valor de cada pessoa, ao mesmo tempo que se presta atenção aos limites éticos e relacionais.

## **Pausa para reflexão**

Como respeita as diferenças na sua prática?

O que faz para que todos se sintam incluídos?



Na nossa abordagem de pedagogia responsiva, reconhecemos também que nem todos os momentos são adequados para a exploração corporizada ou estética. Nos muitos contextos de APOL em que pode trabalhar, facilitar de forma responsiva pode significar abrandar o ritmo, oferecer formas alternativas de participação ou optar por não avançar com uma determinada prática quando não estão asseguradas condições de confiança, consentimento ou segurança. Tomar este tipo de decisões é também uma prática democrática.

A investigação do projeto AECED mostrou que os facilitadores desempenham um papel significativo no apoio à aprendizagem para a democracia em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional. Como este papel não é de controlo nem de neutralidade, mas de sustentar o espaço de aprendizagem, implica criar condições para que os outros possam participar, refletir e entrar em diálogo. Enquanto facilitador, permanecerá sempre atento às relações de poder e à vulnerabilidade.

Equilibrar papéis e responsabilidades na AECED em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Na AECED, entendemos os papéis como relacionais e dinâmicos, e não como posições fixas. Embora as responsabilidades possam mudar ao longo do tempo, elas não desaparecem. Enquanto facilitador, prestará atenção cuidadosa aos papéis em jogo, o que o ajudará a sustentar espaços de aprendizagem éticos, democráticos e significativos.

## **Educadores, facilitadores e designers de aprendizagem**

Ao iniciar, acolher ou facilitar processos de APOL para a democracia, assumirá responsabilidades específicas. O seu papel não é orientar a aprendizagem para resultados previamente definidos, nem retirar-se em nome da neutralidade. Enquanto facilitador da democracia em construção, será necessário sustentar o espaço de aprendizagem de forma ética e atenta.

As suas principais responsabilidades podem incluir:

- criar condições de bem-estar relacional, confiança e cuidado
- fazer juízos éticos sobre o ritmo das atividades, o consentimento e os limites
- estar atento às relações de poder ligadas ao papel, à experiência e à posição institucional
- fazer convites à participação sem coerção
- apoiar reflexão e diálogo que liguem a experiência ao significado democrático

Enquanto facilitador na AECD, mantém-se responsável pelo processo de aprendizagem, mesmo quando o poder é partilhado. A partilha de poder envolve negociação, não abdicação de responsabilidade. Isto pode incluir nomear constrangimentos, clarificar processos de tomada de decisão e intervir quando as dinâmicas comprometem a dignidade, a inclusão ou a segurança.

Numa sessão com docentes do ensino superior, as discussões evidenciaram que democracia não significa que todos atuem a partir da mesma posição. O docente (líder) continua a ter responsabilidade pela situação de aprendizagem, mesmo quando procura reduzir hierarquias e facilitar a partilha de poder. Criar práticas que não excluam ninguém é um equilíbrio contínuo, que exige atenção às diferenças e responsabilidade em tornar possível a participação.

Caso AECD 6: Finlândia – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

## **Participantes e coaprendizagem**

Os participantes na aprendizagem de adultos para a democracia trazem experiências, motivações e capacidades diversas. Na AECD, os participantes são convidados a envolver-se como coaprendentes, contribuindo para a construção partilhada de significado, mantendo ao mesmo tempo autonomia sobre o seu nível e modo de participação.

As responsabilidades dos participantes podem incluir:

- envolver-se com os outros de forma respeitosa, reconhecendo a diferença e o valor igual de cada pessoa
- estar atento aos próprios limites e comunicar necessidades ou restrições
- manter-se aberto à reflexão, à incerteza e à aprendizagem a partir da experiência
- contribuir para o clima relacional do grupo

A participação em práticas corporizadas e estéticas é sempre voluntária. Optar por não participar, observar ou envolver-se de outras formas é reconhecido como uma forma legítima de autonomia.


Neste exemplo, o processo de Investigação-Ação Participativa (PAR) significou que os educadores passaram de recetores de formação para co-investigadores que contribuem para a conceção das atividades de aprendizagem. Esta redistribuição de papéis promoveu uma responsabilidade partilhada e reforçou o sentimento de apropriação das práticas democráticas. Os participantes destacaram a importância de o Guia apresentar orientações claras sobre os papéis na facilitação e sobre a responsabilidade ética, especialmente para sustentar o envolvimento em contextos profissionais exigentes.

Caso AECED 16 & 17: Portugal – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

## **Responsabilidades partilhadas e negociadas**

Algumas responsabilidades na APOL para a democracia são coletivas. Estas podem incluir:

- acordar formas de trabalhar em conjunto
- prestar atenção à forma como o tempo, a voz e a atenção são distribuídos
- refletir em conjunto sobre o que apoia ou limita a aprendizagem democrática



Estas responsabilidades são frequentemente revisitadas ao longo do tempo, à medida que a confiança se desenvolve e os contextos se transformam. Negociá-las de forma explícita pode, por si só, tornar-se um momento de aprendizagem democrática. Os participantes, enquanto parceiros de aprendizagem, chegam a consensos sobre quais os temas a explorar e como explorá-los.

Responsabilidades institucionais e organizacionais – potencial de aprendizagem organizacional através da transformação das práticas de aprendizagem

Centrar a atenção nas práticas de aprendizagem inclui também reforma e transformação organizacional. Olhar para organizações e instituições a partir de baixo e a partir de dentro significa moldar as condições de aprendizagem — não apenas para a aprendizagem de adultos e o desenvolvimento profissional, mas também para promover a aprendizagem organizacional.

As responsabilidades contextuais a este nível podem incluir:

- legitimar tempo e espaço para uma aprendizagem reflexiva e relacional
- reconhecer a facilitação e o trabalho de cuidado como práticas profissionais valiosas
- evitar a instrumentalização da AECD para fins de desempenho ou de mera conformidade institucional

Condições institucionais favoráveis são essenciais para a educação para a democracia. Mesmo quando os contextos de aprendizagem estão apenas parcialmente ligados a organizações e instituições, os nossos casos mostraram a forte influência de fatores contextuais, como tempo e espaço, bem como os condicionamentos mentais de estudantes do ensino superior e de profissionais em contextos organizacionais.

Enfrentaremos sempre algumas limitações dos métodos de AECD, que podem tornar-se “ilhas ao sol”: quando o contexto mais amplo permanece inalterado, estes métodos não conseguem transformar o “currículo oculto” inscrito nas regras das instituições, como escolas, universidades ou locais de trabalho.


Mesmo que, enquanto facilitador, juntamente com os participantes enquanto cocriadores, trabalhe de forma criativa dentro dessas limitações, responda de forma sensível e suspenda julgamentos rápidos, continua a existir a necessidade de começar a intervir na democratização dos contextos organizacionais e nas estruturas hierárquicas que moldam a forma como vivemos e trabalhamos.

Com interesse na governação transformadora, reanalisámos os nossos casos e identificámos cinco “padrões promissores” que promovem práticas de governação democrática.[8] Estes podem ser entendidos como uma lente através da qual podemos observar, analisar ou refletir sobre práticas de governação em grupos.

Apresentamos estes padrões a seguir:

- “Facilitar a vulnerabilidade através de práticas estéticas e corporizadas” como condição crítica para a transformação relacional. Este padrão destaca que a vulnerabilidade é uma característica essencial a considerar na governação transformadora. Reconhecer a vulnerabilidade cria condições para encontros e práticas mais democráticas, ao cultivar confiança, promover abertura e escutar expressões situadas.
- “Cultivar a responsividade corporizada” destaca uma mudança na atenção e na perceção. Ao prestar atenção às respostas e sensações do corpo, tornaram-se perceptíveis padrões organizacionais subjacentes, afetos e relações. Este processo pode ser aprofundado através do cultivo de um olhar empático.
- “Cultivar práticas estéticas coletivas” como forma de reconfigurar a cultura organizacional. Este padrão convida à experimentação coletiva, à discussão e à implementação colaborativa da AECD, através das quais podem emergir novas formas de relação e comunidades de prática.
- “A alteridade como não-saber produtivo” é um padrão que questiona criticamente a ideia frequentemente exigida do sujeito que sabe. Ao prestar atenção às diferenças e às expressões situadas, podem surgir novos entendimentos. A alteridade refere-se a processos em que a incerteza e a novidade são acolhidas, mesmo quando desafiam conhecimentos prévios ou posições já estabelecidas.
- “Ética do cuidado atento” refere-se a uma postura ética baseada na escuta corporizada das formas como os outros fazem, sentem e agem, mantendo aberto o espaço para a diferença e a diversidade. Este padrão aborda o potencial das formas como nos relacionamos com os outros.

[8] Estes padrões foram desenvolvidos para um artigo submetido à revista *Journal of Awareness Based System Change: “Lifting the Roof” with Democracy-as-Becoming. The potential of aesthetic and embodied learning for innovating Governance in Educational Institutions. A Pattern Approach*”, da autoria de Lea Spahn, Susanne Weber, Pauliina Jääskeläinen, Karen Mpamhanga, Cláudia Neves e Karine Oganisjana.



Compreender os papéis e as responsabilidades desta forma apoia a clareza ética, sem impor identidades ou resultados fixos. Nas secções seguintes, exploramos as condições que possibilitam a prática da AECD em contextos de APOL.

### **Condições para praticar AECD na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional**

Praticar AECD em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional requer determinadas condições, mais do que contextos específicos ou recursos particulares. Estas condições são relacionais, éticas e contextuais. Não garantem a aprendizagem para a democracia, mas tornam-na possível.

#### Tempo e ritmo

A APOL é frequentemente marcada por pressão de tempo e responsabilidades concorrentes. Na nossa abordagem de AECD, consideramos que sessões longas ou muito intensivas nem sempre são necessárias — o mais importante é a atenção ao ritmo. Isto inclui permitir tempo para:

- entrar e situar-se no espaço de aprendizagem
- experienciar as atividades sem pressa de interpretar
- refletir, individual e coletivamente
- revisitarexperiências ao longo do tempo

Quando pratica um ritmo responsivo, reconhece que a compreensão e a sensibilidade podem surgir mais tarde — por vezes fora da própria sessão de aprendizagem. Envolvimentos mais curtos, mas repetidos ao longo do tempo, podem muitas vezes ser mais eficazes do que intervenções intensivas pontuais.

O tempo teve um papel central neste exemplo. Havia sempre pressão para avançar rapidamente, com o facilitador a repetir frequentemente: “Estou consciente do tempo.” Isto reflete o contexto ocupado e pressionado pelo tempo de muitos locais de trabalho contemporâneos.

No entanto, os participantes valorizaram a oportunidade de praticar métodos estéticos e corporizados e de participar em momentos de reflexão colaborativa. Ao falar sobre a experiência de testar o seu método estético e corporizado — que durou apenas vinte minutos — um participante referiu: “Percebi que não me distraí de todo.” E acrescentou: “Não estava a pensar em emails nem em nada disso, estava apenas concentrado na tarefa. O que, na verdade, raramente acontece na vida.”

Embora possa parecer que o envolvimento na AECD exige muito tempo, este exemplo mostra que mesmo períodos curtos podem ser valiosos.

Caso AECED 18: Reino Unido – aprendizagem profissional no ensino superior

### **Confiança, cuidado e consentimento**

Como a AECD envolve o corpo, as emoções e a imaginação, pode fazer com que os participantes se sintam expostos ou vulneráveis. Por isso, a confiança e o cuidado são centrais. Isto inclui:

- tornar a participação voluntária e negociável
- fornecer informação clara sobre as atividades, sempre que possível com antecedência
- legitimar a observação, a retirada ou formas alternativas de participação
- prestar atenção aos limites, incluindo limites emocionais e físicos

O consentimento é contínuo, e não algo que se presume à partida. Os participantes e parceiros de aprendizagem devem manter-se atentos à forma como os níveis de conforto e de disponibilidade podem mudar ao longo do processo de aprendizagem.

Um participante numa das sessões observou que, enquanto algumas pessoas se envolvem com os métodos ABE com grande naturalidade, outras não. O que mais valorizou nas sessões foi o facto de “se sentir um espaço seguro”, onde era possível cometer erros e “enganar-se” sem qualquer julgamento.

Caso AECED 18: Reino Unido – aprendizagem profissional no ensino superior

## **Inclusão e múltiplos pontos de entrada**

Os participantes na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional trazem consigo diversos contextos culturais, capacidades, identidades profissionais e experiências prévias com práticas estéticas e corporizadas. Uma prática inclusiva de AECD oferece múltiplos pontos de entrada, tais como:

- diferentes formas de expressão (visual, narrativa, corporizada, verbal)
- diferentes níveis de participação
- oportunidades para reflexão individual e também para diálogo em grupo

A inclusão é entendida não como adaptar as pessoas a um método, mas como adaptar os convites à aprendizagem para apoiar uma participação equitativa.

Neste caso, um dos objetivos era familiarizar docentes universitários com métodos corporizados através de exercícios participativos. Num dos workshops, um exercício inicial de orientação centrado na consciência corporal foi seguido por um exercício coletivo de movimento.

Esta atividade de movimento foi depois prolongada numa atividade de “movimento no papel”, utilizando lápis de cera coloridos, em que o lápis deveria mover-se livremente pela página. O foco não era representar algo, mas continuar o movimento, deixar ir e “aceitar o que surge”.

Caso AECED 6: Finlândia – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

## **Trabalhar com o desconforto e a resistência**

O desconforto, a hesitação ou a resistência são comuns na educação para a democracia em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, especialmente quando as práticas estéticas ou corporizadas são pouco familiares. Na AECD, estas reações são entendidas como sinais significativos, e não como problemas a ultrapassar.

As condições para a prática incluem:

- reconhecer o desconforto como uma experiência possível e legítima
- evitar pressionar os participantes a revelar experiências pessoais ou a desempenhar determinadas ações
- criar espaço para refletir sobre a resistência sem julgamento

Permanecer com o desconforto, quando eticamente apropriado, pode apoiar o desenvolvimento da sensibilidade democrática, ao revelar pressupostos, relações de poder ou receios subjacentes.

A resistência surgiu quando educadores do ensino profissional, neste exemplo, introduziram métodos estéticos e corporizados em contextos tradicionalmente instrumentais da formação profissional. Os participantes valorizaram exemplos apresentados no Guia que enquadravam o desconforto, a incerteza e o fracasso parcial como parte integrante da democracia em construção. Reconhecer a resistência como parte do processo de aprendizagem permitiu aos educadores persistir, adaptar e experimentar, em vez de se afastarem.

Caso AECED 16 & 17: Portugal – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

### **Contextos online e híbridos**

A AECD pode ser praticada em ambientes online e híbridos, embora as condições sejam diferentes das dos contextos presenciais. Os contextos online podem oferecer:

- maior controlo sobre a visibilidade e a participação
- oportunidades para reflexão assíncrona
- formas alternativas de consciência corporizada (postura, respiração, olhar, orientação no espaço)

Quando se trabalha em espaços digitais, é particularmente importante estar atento ao cansaço, à privacidade e à acessibilidade. Ser responsivo pode, neste contexto, significar atividades mais curtas, uma estrutura mais clara ou uma maior utilização de momentos de reflexão individual.

## **O olhar empático na AECD em contextos de aprendizagem de adultos, profissional e organizacional**

O olhar empático é uma orientação ética e pedagógica central na nossa abordagem de AECD.[9] Refere-se a uma forma de ver, acolher e responder aos outros que reconhece a sua dignidade, vulnerabilidade e valor igual, mantendo ao mesmo tempo atenção, discernimento e responsabilidade ética.

Na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional, abrir-se a um olhar empático apoia o envolvimento em práticas corporizadas e estéticas que podem parecer pouco familiares ou arriscadas, mantendo simultaneamente limites claros e respeito pelo consentimento. Nestes contextos, o olhar empático oferece a infraestrutura relacional e ética que torna possível este tipo de envolvimento sem coerção ou dano.

### **O que envolve o olhar empático**

Praticar o olhar empático em contextos de APOL envolve:

- prestar atenção cuidadosa às expressões verbais, emocionais e corporizadas
- acolher contribuições sem julgamento ou avaliação imediata
- reconhecer quando convidar, fazer uma pausa, redirecionar ou interromper uma atividade
- manter consciência das relações de poder ligadas ao papel, ao estatuto e ao contexto

O olhar empático não é passivo. Envolve discernimento ativo e responsabilidade. Facilitadores e participantes permanecem atentos à forma como as interações afetam as pessoas e o grupo, intervindo quando as dinâmicas comprometem a dignidade, a inclusão ou o bem-estar relacional.

[9] Pode ler mais sobre o olhar empático em “Developing democratic engagements and transformation in adult, professional and organisational learning: A practice companion for inspiring your facilitation and change-making”.

Um investigador-facilitador prestou especial atenção à sua posição e às suas ações durante os ensaios dedicados à facilitação da democracia em contextos de aprendizagem profissional. O seu foco incidiu sobretudo nos sinais não verbais, observados nos gestos, posturas e ações dos participantes, bem como nas respostas corporizadas do próprio investigador-facilitador a esses sinais.

Caso AECED 6: Finlândia – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

### **O que o olhar empático não é**

É importante clarificar que o olhar empático não:

- exige aceitar todas as ações, afirmações ou comportamentos de forma acrítica
- elimina limites ou fronteiras éticas
- obriga os participantes a partilhar experiências pessoais
- significa que o desconforto ou o conflito devem ser evitados a todo o custo

Em vez disso, o olhar empático apoia o envolvimento com a diferença, a tensão e a incerteza de formas contidas, respeitosas e reflexivas.

### **Olhar empático, consentimento e vulnerabilidade**

Como os participantes na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional podem sentir-se expostos ao envolverem-se em práticas corporizadas ou estéticas, o olhar empático está intimamente ligado ao consentimento e ao cuidado. Praticar o olhar empático inclui:

- tornar a participação voluntária e negociável
- legitimar a observação, o silêncio ou formas alternativas de participação
- reconhecer sinais de retirada, resistência ou sobrecarga
- responder com flexibilidade a mudanças nos níveis de conforto

A vulnerabilidade não é procurada nem produzida por si mesma. Quando surge, é acolhida com atenção e respeito, em vez de ser instrumentalizada para alcançar resultados de aprendizagem.

Num dos ensaios de caso, um orientador de doutoramento expressou inicialmente ansiedade e dúvidas sobre si próprio, afirmando que “não era criativo” e que preferia instruções claras a convites abertos. Tal como outros participantes, sentia que existia um padrão implícito de criatividade que precisava de cumprir para que a sua contribuição fosse valorizada.

Quando foi convidado a participar numa exploração baseada nas artes, o orientador escolheu tricotar — uma atividade que já conhecia bem — o que lhe permitiu trabalhar dentro da sua zona de conforto enquanto ainda se confrontava com sentimentos de desconforto. Utilizando lápis como agulhas improvisadas, criou um pequeno pedaço de tecido, com nós a representar as dificuldades que tinha encontrado no seu percurso como orientador.

Esta prática familiar, utilizada num contexto diferente, levou-o a novas reflexões: teria ele as ferramentas certas para orientar? E essas ferramentas poderiam ser mudadas, desenvolvidas ou até deixadas de lado?

Caso AECED 18: Reino Unido – aprendizagem profissional no ensino superior

### **Uma orientação coletiva**

Embora você, enquanto facilitador, tenha uma responsabilidade particular em modelar e sustentar o olhar empático, este não é apenas uma competência individual. Pode contribuir para que se torne uma orientação partilhada dentro do grupo de aprendizagem, influenciando a forma como os participantes escutam, respondem e cuidam uns dos outros.

Nos contextos de APOL, cultivar um olhar empático coletivo apoia a sensibilidade democrática ao permitir que os participantes permaneçam presentes perante a diferença, o desacordo e a ambiguidade, sem cair no julgamento ou no afastamento.

Assim, o olhar empático sustenta todas as práticas estéticas e corporizadas descritas neste Guia e no seu guia de apoio à prática. Ele oferece o fundamento ético sobre o qual adultos, profissionais e organizações podem explorar a democracia como um processo vivido, relacional e corporizado.

## **AECD como mudança transformadora em direção à educação como comum ("commoning")**

Embora o foco deste Guia seja a AECD no contexto da APOL, apresentamos nas páginas seguintes uma breve introdução ao conceito de "commoning", que foi utilizado em articulação com a AECD em vários casos. Observamos que este conceito ajudou a orientar o pensamento e funcionou como um catalisador para uma mudança transformadora em direção a valores, princípios e comportamentos mais democráticos.

Neste Guia, entendemos as instituições educativas como “um conjunto estabelecido de relações, papéis, práticas, comportamentos, normas, disciplinas e recursos, em diversas áreas sociais (educação, saúde, religião, etc.), que, segundo o modelo foucaultiano de análise, possui as suas próprias verdades e formas de conhecimento, bem como formas específicas de poder e de governo” (Collet-Sabé & Ball, 2024, pp. 443–444).


Enquanto sociólogos e filósofos da educação, Collet-Sabé e Ball sugerem o "commoning" como uma nova epistemologia para a educação. Bollier e Helfrich (2019: 73 ss.) entendem esta epistemologia do "commoning" como uma prática social específica, enraizada nas necessidades e nas condições locais das pessoas que a praticam (os "commoners"). O "commoning" requer governação reflexiva entre pares e amplia também a nossa compreensão das práticas económicas.

Estes autores entendem a democracia como tendo três dimensões interligadas, que correspondem a três esferas:

- vida social
- governação entre pares
- provisão e sustento, ou seja, a economia do cuidado (Bollier e Helfrich, 2019: 98)

Na sua visão (Bollier e Helfrich, 2019), o desenho dos ambientes de vida e das organizações é central. Defendem relações pluriversais com o mundo, baseadas numa interdependência mútua entre as pessoas e entre as pessoas e o mundo que as sustenta (Bollier e Helfrich, 2019: 83).

Ao estabelecer um contradiscurso baseado no cuidado, na reciprocidade e na igualdade, o "commoning" é também apresentado como uma abordagem profundamente transformadora da sociedade. Constitui uma forma de promover a des-hierarquização, a descentralização e o decrescimento, ao mesmo tempo que incentiva uma orientação baseada nas necessidades.



Especialmente nos casos alemães, trabalhamos com o método visual e narrativo da Pattern Language of "commoning", e observámos que o "commoning" implica desenvolver uma atenção mais apurada às práticas, arranjos e técnicas presentes nas instituições educativas. Como podem as práticas destinadas a governar os indivíduos transformar-se em práticas mais democráticas? Ao centrar a atenção nas práticas e na interação entre agentes e ordens sociais, a AECD, tanto de forma geral como especialmente quando combinada com materiais de "commoning", como o Pattern Language Card Deck, pode ajudar-nos a transformar por dentro os contextos e as culturas em que trabalhamos.

Ao entendermos o "commoning" como uma nova gramática do viver, isto é, como um conjunto de práticas relacionais através das quais as pessoas produzem coletivamente formas de ser, conhecer e agir em conjunto, percebemos que a AECD pode ser um caminho para a autoeducação individual e coletiva, bem como para a educação organizacional e a aprendizagem societal.

Como as abordagens de AECD foram orientadas para a democracia em construção, elas já se ligam indiretamente ao "commoning", que se centra nas práticas quotidianas de co-decisão, responsabilidade mútua e negociação contínua da diferença. Ao colocar em primeiro plano a relacionalidade e a construção coletiva de significado, o "commoning" sustenta a democracia como uma prática vivida, e não apenas como um ideal procedimental. Nesta perspetiva, a AECD apoia as instituições educativas a tornarem-se espaços de "commoning".


**Voz de participante:**

Num caso alemão, desenvolvemos uma performance de palco ao longo de três meses. Ao refletirem sobre o processo, os participantes referiram que o sentido de comunidade foi uma das características mais marcantes:

“E também éramos um grupo, e todos de alguma forma trabalharam juntos. (...) E todos tinham um projeto comum e um sentido de comunidade, penso eu. E então algo surgiu disso, mas foi sobretudo essa ligação que senti, essa coesão do grupo. E no final tornou-se uma peça porque todos trabalharam nela e todos estavam presentes uns para os outros.”

Caso AECED 10: Alemanha – ensino superior e aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Seguindo este exemplo, o "commoning" não se trata de “partilhar” tudo, mas de cultivar uma mudança na atenção que se centra em “tornar-se com os outros”: sentir a ligação e fazer parte de processos abertos de decisão coletiva. Mesmo que nem todos os parceiros do nosso projeto tenham trabalhado diretamente com esta abordagem, ela pode ainda assim oferecer impulsos e inspiração valiosos para repensar a facilitação, a formação, a promoção de mudanças e a consultoria em direção à democracia em construção.



## 5. Como utilizar este Guia: dar continuidade à AECD na aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

Este Guia ofereceu uma orientação para a educação de adultos, profissional e organizacional para a democracia através da AECD. Em vez de apresentar um programa ou um conjunto fechado de métodos, procurou clarificar os fundamentos éticos, relacionais e pedagógicos que apoiam a aprendizagem democrática em contextos de educação de adultos. No guia de apoio à prática, apresentamos uma variedade de métodos e abordagens de AECD que poderá explorar no seu próprio contexto.

Nesse guia de apoio à prática, disponibilizaremos diferentes abordagens de AECD: desde micro-métodos, a intervenções e a uma metodologia.

A educação de adultos, profissional e organizacional para a democracia não conduz necessariamente a resultados fixos, competências definidas ou estados organizacionais predeterminados. O seu valor reside antes no cultivo contínuo da atenção, do cuidado e da responsabilidade na forma como adultos, profissionais e organizações aprendem uns com os outros e entre si.

Ao colocar em primeiro plano a democracia em construção, os valores democráticos, a sensibilidade democrática, a pedagogia responsiva e o olhar empático, este Guia convida educadores e aprendentes a manterem-se abertos à incerteza, à diferença e à mudança. Dessa forma, apoia a democracia não como um destino a alcançar, mas como uma prática vivida, relacional e corporizada, que continua a desenvolver-se ao longo da vida profissional e cívica.

## 6. Recursos

Esta secção apresenta os fundamentos conceptuais, teóricos e práticos essenciais deste Guia.

### **Recursos centrais do projeto AECED**

Estes documentos fornecem o quadro geral de investigação e os resultados baseados em evidência utilizados para desenvolver os guias práticos.

AECED. (2023). D4.1 Report of methodological framework.

Explica a Investigação-Ação Participativa (PAR) como base metodológica comum do projeto AECED.

AECED. (2026). Pedagogical Framework.

Explica os fundamentos conceptuais e teóricos da AECED.

AECED. (2026). Practice companion for Adult, Professional, Organisational Learning Guide.

### **Documentos de posição do AECED**

Estes documentos clarificam os principais conceitos que sustentam o quadro conceptual comum do projeto:

- Woods, P. (2024). The four dimensions of holistic democracy. <https://aeced.org/resources/> - Explica as dimensões interligadas da aprendizagem holística, do bem-estar relacional, da partilha de poder e do diálogo transformador como orientações para a ação democrática.
- Jääskeläinen, P., Woods, P., & Oganisjana, K. (2025). The importance of the aesthetic-embodied dimension in learning for democracy. <https://aeced.org/resources/> - Explica porque envolver todo o corpo é fundamental para internalizar e praticar plenamente os valores democráticos.

- Woods, P., & Pazur, M. (2025). Democratic sensibility. <https://aeced.org/resources/> - Define a capacidade sentida e relacional de envolvimento democrático que os métodos de AECD procuram cultivar.

## **Ferramentas operacionais e metodologias**

Instrumentos práticos para implementar a AECD na prática:

The Pattern Language of "commoning" Card Deck: um conjunto de ferramentas composto por “padrões de solução”, utilizado para reflexão e para imaginar a democracia como uma experiência vivida e os caminhos de transformação que conduzem até ela.

## **Referências teóricas fundamentais**

A ecologia teórica mais ampla que informa a abordagem pedagógica:

Ball, S. J., & Collet-Sabé, J. (2025). Against school: Thinking education differently. Palgrave Macmillan. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-80415-1>

— Nos seus trabalhos conjuntos, os autores Ball e Collet-Sabé defendem uma epistemologia alternativa da educação, criticam a escolarização moderna e propõem repensar a educação para além do enquadramento institucional da “gramática da escolarização”.

Bollier, D., & Helfrich, S. (2019). Free, fair, and alive: The insurgent power of the commons. New Society Publishers.

— Oferece a base para compreender o "commoning" como uma prática social central para a democracia em construção.

Collet-Sabé, J., & Ball, S. J. (2023). Beyond school: The challenge of co-producing and "commoning" a different episteme for education. *Journal of Education Policy*, 38(6), 895–910. <https://doi.org/10.1080/02680939.2022.2157890>

— Propõe o "commoning" como uma nova epistemologia para a educação.

Collet-Sabé, J., & Ball, S. J. (2024). Without school: Education as common(ing) activities in local social infrastructures – An escape from extinction ethics. *British Journal of Educational Studies*, 72(4), 441–456.

<https://doi.org/10.1080/00071005.2023.2298776>

— Discute como as escolas poderiam configurar-se como instituições democráticas alternativas.

Freire, P. (1972). *Pedagogy of the oppressed*. Penguin Books.

— Chama a atenção para as relações de poder e conhecimento presentes nas racionalidades da aprendizagem — aprender para ter, para ser ou para tornar-se.

McGilchrist, I. (2021). *The matter with things: Our brains, our delusions, and the unmaking of the world*. Perspectiva Press.

— Explora capacidades humanas associadas ao hemisfério direito do cérebro, como a imaginação e o pensamento holístico, que são centrais para a AECD.

Spahn, L.; Weber, S. M. (no prelo). Entangled Layers of Learning: A methodological framework for PAR research in multi-case research settings. In: Meriläinen et al., *Toward Democracy-as-Becoming*. Routledge.

— Apresenta o quadro metodológico para a investigação em PAR e reflete também sobre metodologias feministas.

Spahn, L.; Weber, S. M.; Jääskeläinen, P.; Mpamhanga, K.; Neves, C.;

Oganisjana, K. (no prelo). ‘Lifting the Roof’ with Democracy-as-Becoming: The potential of aesthetic and embodied learning for innovating governance in educational institutions. *A Pattern Approach*. *Journal of Awareness Based System Change*.

— Analisa como foram identificados “padrões promissores” de transformação nos casos da fase de aprendizagem profissional e organizacional.

Tyack, D., & Tobin, W. (1994). The "grammar" of schooling: Why has it been so hard to change? *American Educational Research Journal*, 31(3), 453–479.

<https://doi.org/10.3102/00028312031003453>

— Analisa os aspetos institucionais que dificultam a mudança organizacional democrática.

Weber, S., Heidelmann, M., Spahn, L. (2024). Transcending Critique: Towards a Post-Anthropocentric Approach in Organizational Education Research. In S. Rundel, C. Damm, O. Dörner, N. Engel, C. Schröder, I. Truschkat (Eds.), *Organisation und Kritik*. Wiesbaden: Springer VS, pp. 105–118.

— Introduz uma perspectiva mais-do-que-humana para os processos educativos organizacionais.

Weber, S. M. (2025). Towards Sustainability and the Common Good: Pattern Language as an Epistemic Strategy for Learning in "commoning" Organisations. In W. Leal Filho, J. Newman, A. Lange Salvia, L. Vieira Trevisan, & L. Corazza (Eds.), *North American and European Perspectives on Sustainability in Higher Education* (pp. 101–119). Springer.

— Introduz a Pattern Language of "commoning" como estratégia epistemológica para a mudança institucional.

Weber, S. M.; Wieners, S. (2023). Towards Optimization? Thinking Towards a Global Research Memorandum in Organizational Education. In S. M. Weber, C. Fahrenwald, A. Schröder (Eds.), *Organisationen optimieren?* (pp. 329–342). Springer VS.


— Reflete sobre as racionalidades de mudança que orientam as organizações.

Woods, P. A. (2005). *Democratic leadership in education*. Sage Publications.

— Apresenta fundamentos importantes para o projeto AECED.

Woods, P. A., & Roberts, A. (2018). *Collaborative school leadership: A critical guide*. Sage Publications.

— Evidencia a importância da aprendizagem coletiva e da transformação das culturas escolares.



## 7. Lista de acrónimos

AECD – aprendizagem estética e corporizada para a democracia

APOL – aprendizagem de adultos, profissional e organizacional

ES – ensino superior

PAR – investigação-ação participativa

PLC – pattern language of "commoning"